

---

# O Filho do Outro\*

ANDREA KOTZIAN PEREIRA\*\*

---

“O filho do outro” é um filme profundo e tocante e nos leva a pensar em vários temas: as questões políticas/religiosas e culturais, parentalidade, adolescência, adoção; que suscitam muitos questionamentos. Mas como as famílias “Silberg” e “Al Bezaaz”, que tiveram que acomodar muitas questões, também é preciso “acomodar” algumas ideias, já que os temas são amplos. Vou me deter mais nas questões da adoção e parentalidade.

O filme inicia com Joseph Silberg, um adolescente, prestando exames para se alistar no Exército. É na fase da adolescência que se dá um processo de revisão crítica e de reorganização pessoal da história significando uma passagem de uma posição de ator passivo, pelo que fora escrito pelos pais, para uma posição de autor e artista de sua própria história. As lembranças, as emoções e as representações permitem escrever uma história, reestruturando e ressignificando as informações adquiridas e as vivências. O adolescente, desta forma, vai então montando sua árvore genealógica e fazendo um processo de historização que define sua herança familiar e o inclui em uma cadeia geracional.

E é neste contexto que os casais Al Bezaaz, palestinos, e os Silberg, judeus, tomam conhecimento que seus filhos, Yacine e Joseph, foram trocados na maternidade. Um exame de sangue comprova: o tipo sanguíneo de Joseph não é compatível com o de seus pais. Seu sangue é de um palestino, o que é considerado um “sangue ruim” para o rabino, para sua família. Fantasias de sangue ruim que podem modelar o caráter, são fantasias que circundam o universo da adoção e se fazem presentes a todo instante nestes casos. Partindo da questão da adoção, que o filme suscita, muitos questionamentos me ocorrem: será que podemos dizer que existiu uma adoção legítima, já que não houve um desejo, uma escolha de cuidar dos filhos que foram entregues a Orith e a Leila? Poderiam estas mães adotar um filho biológico? Quem adotou quem?

O termo adoção vem do latim *adoptare* que significa cuidado, acolhimento e não está relacionado as questões biológicas, sendo justamente pela possibili-

---

\* Trabalho apresentado na atividade “Café Cinema” na SBPdePA – Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - em junho de 2015.

\*\* Psicóloga Mestre em Psicologia Clínica/PUCRS, Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência/CEAPIA - Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência, Coordenadora do Setor de Adoção do CEAPIA.

dade de uma ligação psíquica profunda que inclui continência, sincronicidade e sintonia que se estabelecem as relações. Problemas no estabelecimento de um sentimento de identidade são comuns em crianças adotivas, o que emerge, muitas vezes, na adolescência, quando há a possibilidade da procura dos pais biológicos, numa tentativa de compreender melhor o que se passou e qual o lugar de cada um na configuração psíquica. Joseph se questiona: Ainda sou judeu? Yacine é mais judeu que eu? Vou ter que trocar meu quipá por um colete de explosivos? Questionamentos sobre a identidade de cada um deles, se fazem presentes a todo instante.

Lembrando Piera Aulagnier (1984), quando ela nos fala sobre mudança e permanência, historização e adolescência, ela refere que é graças à criação de um fundo de memória que se poderá tecer a tela de fundo de suas composições biográficas que possibilita que aquilo que mudou, ou pode mudar, não transforme o sujeito num estranho a respeito do que ele foi garantindo a permanência identificatória.

Joseph e Yacine se veem frente à necessidade de desconstruírem/reconstruírem modelos de identificação e transitarem por profundas transformações psíquicas diante da nova realidade imposta. Conflitos de identidade: o que se sobrepõe: Biológico? Valores adquiridos? Ambiente? O que é apontado na fala de Yacine: “Sou meu pior inimigo, mas preciso me amar assim mesmo” e de Joseph: “Agora é como se eu não existisse. Era importante ser judeu”.

A crise que se instala é inevitavelmente acompanhada de dor, perturbação, turbulência e transformações, mas as histórias precisam ser ressignificadas para que não se perpetue o enigmático e o oculto.

O primeiro indicativo de pertinência ao grupo familiar é a semelhança física trazida pelo reconhecimento de parença com algum elemento significativo, cor de olhos, cabelos,... Essa similitude física é o ponto de partida para que a um bebê seja oferecida uma dimensão exata de pertencer ao grupo familiar. Sentimentos de não pertencimento pareciam já se fazerem presentes, o que fica evidente quando Alon fala para Oritz: “a gente percebe que não é seu bebê; qualquer mãe percebe...” Negar esta realidade possibilita as famílias poderem conviver com as diferenças culturais e religiosas. Entramos então no terreno do intergeracional que Lebovici (2004), quando entrevistado por Solis, nos fala: Ser pai ser mãe, não é só ter um filho é uma oportunidade para refletir sobre a sua descendência. A parentalidade vai além do fator biológico: para se tornar um pai ou uma mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo dos nossos pais, ou seja, a transmissão intergeracional. Yacine estudar na França e gostar da cultura francesa, como sua mãe biológica e seus avós maternos, assim como Joseph estar identificado com a música, assim como seu pai e irmão biológicos, possibilita uma maior aproximação entre eles. No momento em que ele canta, seu pai biológico se encanta, sendo nesta situação que o pai sorri para ele.

As transmissões transgeracionais se dão *através* das e não *entre* as gerações. Nelas, há uma herança traumática maldita, alienante. A nova geração,

para Piera Aulagnier (1984), pode estar aprisionada num cativeiro como serviçal de: missões; “projetos identificatórios”; “mandatos trans-geracionais”. Trata-se de uma tentativa de superar as questões não elaboradas ou suspensas no psiquismo da instância parental e dos antepassados, na cultura. Este aprisionamento com seus projetos identificatórios são representados fortemente na figura de Bilal, irmão de Yacine, que vê, juntamente com o irmão, a possibilidade da construção de um hospital dedicado ao irmão Firaz morto.

Laços de sangue e laços culturais são fortes, mas os vínculos amorosos, simbolicamente representados pelo coração, como diz Leila: “Você precisa abrir seu coração, eu sei o quanto ele é grande”, podem “preencher muitos espaços”, o que nos remete as relações na adoção (inclusive na adoção, os filhos adotivos são chamados de filhos do coração).

Orith e Leila, as mães, demonstram maior capacidade de empatia e aceitação em relação aos filhos biológicos, o que difere de Alon e Said, os pais, que negam e não aceitam filhos que pertençam a outra cultura. Atitude esta que podemos observar na cena em que Said fica embaixo do carro trabalhando quando o filho retorna de uma viagem para França. Estas diferenças nos levam a pensar nas funções maternas e funções paternas, já que as mães gestam o bebê passando por muitas modificações físicas/corporais/emocionais durante a gravidez e tem um contato íntimo com o mesmo. Benedeck (1962) compara essa fase, experiência da maternidade, à da adolescência e a define como uma crise de identidade no sentido de Erickson, ou seja, uma fase da existência em que é confrontada com transformações identificatórias profundas por reviver conflitos por ocasião de uma nova fase evolutiva da personalidade.

Um outro aspecto que chama atenção, em relação as diferenças é a necessidade dos pais de manterem segredos sobre os filhos biológicos pertencerem a outra cultura (sem desconsiderar as divergências históricas) e algumas mentiras são ditas (Joseph é apresentado como um sobrinho que veio da França).

Na adoção, nos deparamos com estas mesmas questões: segredos, mentiras,...que representam “marcas da diferença”. Ser gerado por outro, assim como pertencer a outra cultura, fere o narcisismo, representa desamor. Para Cyrulnik (2009), a passagem do status de genitor ao de pai, para os homens, pode ser considerada um ato de nascimento social, um ato da cultura, uma vez que cada cultura vai definir uma forma paternal

Acredito que independente da cultura, é somente através da capacidade de aproximação da verdade e aceitação da realidade e do amor do outro, que pode ser materno, paterno, fraterno que pode se dar a resignificação/transformação. Joseph e Yacine vivenciaram uma dor existencial da ordem do imprevisível em um momento de profundas transformações. Retomo o questionamento de Joseph: “O que dizer quando se sabe que a minha vida teria sido a sua?” Em uma tentativa de poder dar um sentido a isto, tomo emprestada uma frase do Schettini (1999) que diz: “Todos os filhos são biológicos e todos os filhos são adotivos. Biológicos porque é a única forma de existirmos concreta e obje-

tivamente; adotivos porque é a única forma de sermos verdadeiramente filhos” (p. 43).

## Referências

- Aulagnier, P. (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro-do discurso identifiante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta.
- Benedeck, T. (1962). El desarrollo de La personalidad. In: T. Alexandre. *Psiquiatria Dinâmica*. Buenos Aires: Paidós.
- Cyrulnik, B. (2009). *Autobiografia de Um Espantalho*. São Paulo: wmfmartinsfontes.
- Schettini Filho, L. (1999). *Adoção: origem, segredo e revelação*. Recife: Bagaço.
- Solis-Ponton, L. & Silva, M. C. P. (2004). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.